

## O GOLPE MILITAR DE 1964 E SEUS RUMOS ANTE A INFLUÊNCIA NORTE AMERICANA

Lorena Pretti SERRAGLIO<sup>1</sup>  
Sérgio Tibiriçá AMARAL<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda a influência dos Estados Unidos da América no deslinde do Golpe Militar brasileiro ocorrido no ano de 1964. Utiliza como fonte obras literárias, documentários, jornais da época disponibilizados na internet e documentos que foram revelados, dotados de veracidade e imenso valor probatório. Através destes serão feitas diversas análises, que começarão no contexto histórico em que o Brasil estava inserido, passarão pelas manifestações populares da época, a influência norte americana e a deflagração do Golpe.

**Palavras-chave:** Ditadura. Golpe Militar. Golpe de 64.

### 1 INTRODUÇÃO

Há detalhes no Golpe Militar de 64 a serem elencados no presente trabalho que são definitivamente decisivos para a compreensão do período mais sombrio vivido pelo Brasil.

Por meio de análises de entrevistas, depoimentos, cartas, telegramas, ligações, compreenderemos o intenso incentivo dos Estados Unidos à ação militar brasileira em 1964 e nos anos que se seguiram.

O início do trabalho tem por finalidade contextualizar o leitor das condições em que se encontrava o governo brasileiro, com João Goulart assumindo a presidência e mudando os rumos do país através da intensa luta pela democracia. Essa abordagem histórica é importante para o tema escolhido a fim de colaborar no entendimento da temática desta apreciação acadêmica.

---

<sup>1</sup> Discente do 10º termo do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. e-mail: [lorena\\_serraglio@hotmail.com](mailto:lorena_serraglio@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente e Coordenador do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Especialista em Direitos Difusos e Coletivos pela Escola Superior do Ministério Público. Mestre em Sistema Constitucional de Garantias de Direitos pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru/SP. Doutor em Sistema Constitucional de Garantias de Direitos pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru/SP. e-mail: [sergio@unitoledo.br](mailto:sergio@unitoledo.br). Orientador do trabalho.

A influência dos Estados Unidos passa a ser retratada logo em seguida mediante transcrição de trechos do documentário “O dia que durou 21 anos”, obra de Camilo Tavares que tanto contribuiu para o presente. Neste capítulo são elencados os órgãos criados pelos norte americanos para manipular a opinião brasileira através de propaganda antigovernamental, como o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e a Aliança Para o Progresso, devidamente pormenorizados no trabalho.

Ademais, e também de suma importância, é o capítulo que trata das manifestações populares no país que clamavam pelas Reformas de Base de João Goulart, como o Comício da Central do Brasil, e, no lado oposto, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

Por fim, será dado enfoque à “Operação Brother San”, manobra norte americana que enviou armamento para o Brasil realizar o Golpe de 1964, e, finalmente o Golpe.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO PRÉ-GOLPE**

A presidência do país acabava de ser assumida por João Goulart em 07 de setembro de 1961, então vice-presidente, devido à renúncia do presidente Jânio da Silva Quadros. Jango, como conhecido à época, estava intensamente engajado na luta das classes populares através das “Reformas de Base”. Dentre suas propostas estavam a reforma urbana (por conta das favelas que se disseminavam), educacional (para combater o analfabetismo), eleitoral (com intuito de garantir o direito de voto aos analfabetos), tributária e agrária, esta última, carro chefe de seu governo.

Por ter sido amplamente difundida, um projeto de emenda constitucional foi criado para permitir que o governo pudesse desapropriar terras, pagando-as a prazo. As classes populares ficaram efervescentes com tal possibilidade. Era o início de um país mais democrático, onde as maiorias marginalizadas teriam acesso a um pedaço de terra para produzirem e viverem.

A título de exemplo, Brizola começava no Rio Grande do Sul a desapropriação de 20 mil hectares de terras improdutivas, distribuindo-as aos agricultores.

João Goulart também colocou em prática a Lei de Remessa de Lucros, com intuito de controlar a quantidade de dólares enviadas ao exterior pelas empresas multinacionais, a fim de que os lucros fossem reinvestidos aqui no Brasil. Era mais uma medida tomada pela presidência do país com intuito de ver o Brasil crescer e prosperar.

No entanto, tais ações começaram a preocupar potências capitalistas mundiais, sendo a principal delas os Estados Unidos. Os norte americanos temiam que tais movimentos brasileiros tomassem o rumo do comunismo. E, para tanto, passaram a intervir no Brasil de modo direto, porém não aberto. Não noticiava-se na imprensa que o presidente Kennedy enviaria milhões de dólares para o financiamento de campanhas contra o governo Goulart, e tão pouco que apoiariam a repressão. Mas foi o que aconteceu. E esta intervenção passa a ser contada nos tópicos que seguem.

### **3 A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS**

Conforme exposto, a conjuntura política e social da época passou a parecer, aos olhos dos Estados Unidos, como a de um país prestes a eclodir numa revolta comunista.

Entra em cena, nesse momento, logo nos primeiros meses do ano de 1964, o então embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon. Sua missão era impedir que o governo brasileiro tomasse rumos de esquerda. Era completamente avesso ao governo de Goulart, impregnando em John F. Kennedy, presidente norte americano, que o Brasil tomava rumos comunistas, assim como a Cuba de Fidel.

Não poderiam os Estados Unidos, ante a uma nova suposta ameaça comunista, permanecerem calados. Não poderiam correr tal risco com o Brasil, um país com vasto território, por eles considerado “a regional superpower”, ou seja, uma super potência regional.

Trecho do documentário “O Dia que Durou 21 anos”, de Camilo Tavares (2013, s.p.) e que merece transcrição, é o de uma conversa gravada entre o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, e o Embaixador Gordon, conforme segue:

Kennedy: Você acha que se Goulart tivesse poderes, agiria?

Gordon: Acho que ele faria algo como Perón, ou algo assim.

Kennedy: Um ditador.

Gordon: Um ditador pessoal e populista.

Kennedy: Acho que não posso fazer nada com ele ali.

Gordon: Acho que pode.

Percebe-se que Gordon era a pessoa que maquinava as interpretações a respeito dos rumos do governo brasileiro, convencendo até mesmo o presidente dos Estados Unidos de que algo havia de ser feito para frear tal situação.

Foi então que o embaixador convenceu a Casa Branca de sua opinião, enviando telegramas temerosos, neles dizendo que as ações de Goulart e Brizola, que promoviam a reforma agrária, levariam o Brasil a um governo comunista.

Essa também foi sua atitude em relação ao Departamento de Estado, convencendo-os de que Jango era uma ameaça.

Quanto mais Goulart tomava atitudes em prol dos grupos sociais por meio de suas reformas de base, maior era a intenção dos americanos de tirá-lo do poder.

Em resposta, o presidente Kennedy criou e passou a financiar a Aliança para o Progresso, uma tentativa de impedir que estudantes e camponeses aderissem aos propósitos da Revolução Cubana, e disseminassem tais ideais pelo Brasil.

Além da Aliança para o Progresso, os Estados Unidos passaram a enviar dinheiro aos opositores de Goulart no Brasil, financiando suas campanhas para as eleições de 1965. O intuito era desestabilizar o presidente, para impedir que este pudesse ter um sucessor, ou que ele próprio, em uma manobra qualquer, pudesse se perpetuar na presidência da república.

Foi também criado o IPES, Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais. Ele tinha função de fazer propaganda política para que a população aceitasse o Golpe que estava por vir. Por óbvio, as informações veiculadas serviam aos interesses americanos. Vídeos eram gravados e transmitidos até mesmo nas

empresas, em horário de almoço, exaustivamente disseminados. Seus conteúdos abrangiam o que tinha ocorrido na Rússia, na China e em Cuba, com intuito de atormentar a população e deixá-la com medo do comunismo.

Além do IPES, foi criado o IBAD, Instituto Brasileiro de Ação Democrática. Outro órgão para mascarar as ações norte americanas. Ele financiava os partidos políticos que eram contra Goulart. Emissoras também recebiam dinheiro para discursarem contra o presidente e produzirem reportagens que denegrissem sua imagem.

Percebe-se, portanto, que os Estados Unidos criaram um maquinário de peso para intervir na opinião da população. Todas essas medidas, tomadas de maneira quase que secretas, tinham um único e fiel propósito: a deturpação da imagem de Goulart, visto pela massa brasileira como um líder democrata, que, aos olhos dos americanos não passava de um comunista disfarçado.

Seguindo com o condão histórico, assumia a presidência norte americana em 23 de novembro de 1963 Lyndon Johnson, após a morte de Kennedy. Johnson deu vasta continuidade àquilo que havia sido começado por seu antecessor.

Conforme trecho da obra de Camilo Tavares (2013, s.p.) Jhonson bradava: “As nações americanas não podem, não devem e não irão permitir o estabelecimento de outro governo comunista no hemisfério ocidental”.

E assim seguiram os governos. De um lado um Brasil promissor, com uma população ansiosa por mudanças e melhorias. De outro lado os Estados Unidos temerosos, quase que raivosos. Porém a situação tenderia a piorar, o que levaria à culminação do Golpe.

#### **4 MANIFESTAÇÕES POPULARES NO BRASIL EM 1964**

O Brasil passava por um conturbado período em sua política, conforme demonstrado. Prova disso são as manifestações ocorridas no ano de 1964. De um lado aqueles que apoiavam o presidente João Goulart e suas Reformas de Base. De outro, os opositores, financiados pelos norte americanos.

#### 4.1 Comício da Central do Brasil

Em 13 de março de 1964 ocorreu no Rio de Janeiro o comício que reuniu mais de 100 (cem) mil pessoas na Central do Brasil. João Goulart, Lionel Brizola, Miguel Arrais e tantos outros discursaram para uma população com sede de mudança.

Dentre os ouvintes estavam líderes sindicais, trabalhadores, servidores públicos, estudantes.

A pauta tratava dos temas das Reformas de Base. João Goulart discursou para uma população que bradava e apoiava seus ideais. E, afronta ou não, tal comício foi bem ao lado do da sede do Ministério do Exército.

No dia seguinte, a imprensa do Rio de Janeiro relatou aquela que teria sido uma das grandes reuniões partidárias da história do Brasil.

Segundo o jornal “A Noite”, Rio de Janeiro, edição de 14 de março de 1964, um dos trechos de João Goulart no Comício foi:

Só conquistaremos a paz social, através à justiça social. A maioria dos brasileiros não se conforma com a ordem social vigente, imperfeita, injusta e desumana. Esse é o motivo que me leva a lutar pelas reformas, de estruturas, de métodos, de estilos, de trabalho e de objetivos, pois não é possível progredir sem reformas.

O “Diário Carioca”, da mesma data, também mencionou em uma das suas reportagens, o imenso contentamento da população, e o grande significado daquele comício:

Transformou-se numa autêntica festa popular, o comício ontem realizado na Praça Cristiano Ottoni. Ao encontro do Presidente da República, uma incalculável multidão deslocou-se desde as primeiras horas da tarde, entoando cantos e trazendo faixas e cartazes, alusivos às suas reivindicações e indicativos do apoio com que pode contar o presidente Goulart nas medidas que vem tomando na defesa dos interesses nacionais. O entusiasmo que recebia as palavras dos líderes políticos, sindicais e estudantis mostrou uma firme determinação do povo de lutar unido e coeso pela implantação das reformas fundamentais de que o Brasil necessitava para a consolidação do seu desenvolvimento. Foi uma evidência, na repercussão que teve nos aplausos da grande massa popular, o sentimento da necessidade uma efetiva e urgente modificação que reformule o arcaico estatuto da terra ainda vigente entre nós. Foi, portanto o comício de ontem,

uma extraordinária demonstração de pujança do regime democrático, com o povo brasileiro unido ao seu presidente na praça pública, em festivo ato de pleno exercício da Democracia.

O “Jornal do Brasil”, também na edição de 14 de março de 1964, deu destaque para medidas que Jango vinha tomando, e outras que entrariam em execução:

O Presidente João Goulart, depois de assinar, no Palácio das Laranjeiras, o decreto da Supra – o passo inicial para a reforma agrária – e o da encampação de refinarias particulares de petróleo, anunciou ontem no comício da Central do Brasil o tabelamento, dentro de horas, dos aluguéis, e prometeu lutar pela reforma da Constituição, a fim de promover o desenvolvimento do País com justiça social. Também falaram ao povo, no comício, os Srs. Miguel Arrais e Leonel Brizola – este o orador mais aplaudido. O ex-governador gaúcho pregou a necessidade de uma saída pacífica para ‘este impasse a que chegamos’, sugerindo uma Constituinte para a eleição de um Congresso popular, um Congresso onde se encontrassem trabalhadores e camponeses, onde se encontrasse muitos sargentos e oficiais nacionalistas.

Toda essa ideia reformista causou enorme desconforto aos Estados Unidos. Propostas como reforma agrária, uma nova ordem social, encampação dos contratos com as refinarias de petróleo, alteração da Constituição Federal, dissolução do Congresso Nacional para a formação de um novo mais justo e tantas outras, eram vistas pelos americanos como límpidos sinais de que João Goulart estava prestes a implantar o comunismo no Brasil.

Em nova troca de telegramas entre o embaixador Gordon e o Presidente norte americano, diálogo documentado, conforme expõe Camilo Tavares (2013, s.p.), dizia o emissário: “Desde o comício na Central do Brasil do Rio de Janeiro houve uma polarização radical de atitudes. Goulart está definitivamente engajado em uma campanha ditatorial, com ataques diretos aos nossos interesses econômicos”.

Não bastasse a conspiração americana de que as reformas de Goulart seriam um passo ao comunismo, Gordon passou a acreditar que o presidente brasileiro recebia ativa colaboração do partido comunista e de grupos radicais, como a CGT (Central Geral dos Trabalhadores).

Por óbvio, após o Comício da Central do Brasil, os Estados Unidos tomariam alguma atitude. E assim foi feito. Ações secretas passaram a ser tomadas com o intuito de organizar passeatas à altura do comício na Central do Brasil, a fim de criar um sentimento anticomunista no Congresso, nas Forças Armadas, na

imprensa e nos grupos políticos. Eles precisavam atingir as classes que não aderiram às reformas de Goulart, com intuito de fazer frente ao mesmo.

#### **4.2 Marcha da Família com Deus Pela Liberdade**

Como forma de resposta à ameaça comunista, e amplamente financiada por incentivos norte americanos, ocorreram as chamadas “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”.

De acordo com Gilberto Cotrim (1995, pag. 116), “eram passeatas de senhoras da elite católica, autoridades civis e parte da classe média”.

Fato é que foram às ruas aqueles que temiam pelas mudanças implantadas por Goulart, e por aquelas que estavam por vir. Mais de um milhão de pessoas se reuniram para lutar pelo “perigo comunista”.

A primeira delas ocorreu em São Paulo, no dia 19 de março, apenas seis dias após o Comício de Goulart na Central do Brasil. Reuniu mais de 500 mil pessoas. Após o Golpe, outra de aporte muito maior viria a acontecer no Rio de Janeiro, reunindo mais de um milhão de pessoas.

Era a demonstração clara de que as reformas propostas por João Goulart estavam causando enorme desconforto, e de que medidas radicais estavam prestes a serem tomadas.

Após a Marcha, instalou-se um novo vigor, e os apoiadores de Goulart passaram a temer o que estava por vir.

### **5 A ORGANIZAÇÃO DO GOLPE**

Já no final do mês de março do ano de 1964, após tantas manifestações populares contra e a favor de João Goulart, os Estados Unidos passaram a reunir forças, recrutar aliados e delinear as decisões a serem tomadas.

Chegava a hora de agir, vez que a insegurança e o medo comunista tornavam-se cada vez maiores.



Nesse contexto surge a figura do General Humberto Castelo Branco, escolhido pelo General norte americano Walters, para ser o líder das Forças Armadas.

Walters teve a missão de organizar grupos dentro do Exército brasileiro interessados em derrubar Goulart. Assegurou a cada militar que os Estados Unidos dariam apoio a eles, caso os mesmos tomassem o poder. Tais informações foram amplamente difundidas no documento “O dia que durou 21 anos” através de telegramas trocados entre Gordon (Embaixador norte americano) e Lindon Johnson (Presidente).

### **5.1 A “Operação Brother Sam”**

Decididos de que interviriam no Brasil para ajudarem na destituição de João Goulart da presidência, os Estados Unidos preparavam-se para aquilo que eles próprios denominaram de “Operação Brother Sam”. Esse é o entendimento demonstrado por Elio Gaspari (2002, P. 60):

No dia 20 de março de 1964, uma semana depois do comício da Central, o presidente Lyndon Johnson autorizara a formação de uma força naval para intervir na crise brasileira, caso isso viesse a parecer necessário. A decisão foi tomada durante reunião na Casa Branca a que compareceram Gordon, o secretário de Estado Dean Rusk, o chefe da Central Inteligente, John McCone, e representantes do Departamento de Defesa.

De modo a dar apoio militar e logístico às forças contra Goulart, foi enviado ao Porto de Santos uma frota naval que carregava consigo um porta aviões, quatro destroieres e cruzadores de apoio. Em Porto Rico seriam embarcadas mais cento e dez toneladas de munição, armas leves e gás lacrimogênio para a contenção e controle das massas que viessem a se opor.

Tal mobilização norte americana era comumente conhecida como “Diplomacia do Canhão”. Eles simplesmente posicionavam sua esquadra naval em portos da América Central, e já derrotavam pequenos governos. A ideia para o Brasil era a mesma. Queriam amedrontar a população, e, se preciso, iniciar uma guerra.

Enquanto os Estados Unidos organizavam sua frota de guerra, aqui no Brasil o responsável pelo encaminhamento do Golpe era Castelo Branco.

Um documento da CIA (Central Intelligence Agency) – Agência Central de Inteligência, revelou aquilo que era esperado pelos americanos, e estava prestes a acontecer, conforme elencado na obra de Camilo Tavares (2013, s.p.):

João Goulart deve ser removido com urgência. Os governadores de São Paulo e Minas Gerais chegaram a um acordo. A revolução será iniciada pelas tropas de Mourão Filho, General do 4º Exército, em Juiz de Fora/MG. As tropas de Mourão estão indo em direção ao Rio de Janeiro. Choques e conflitos militares são esperados na Guanabara. A revolução não terá um desfecho rápido e será sangrenta.

Era o deflorar do Golpe de 64.

No entanto, a revolução em si não foi como esperado. E o derramamento de sangue viria nos anos seguintes, com as torturas da ditadura.

### **5.3 A Revolução: 1º de Abril de 1964**

Tudo já estava exaustivamente maquinado. A frota norte americana já estava a caminho do país para dar apoio àqueles que insurgiriam-se contra Goulart. Esperava-se um enorme combate.

Conforme definido pela CIA, Olímpio Mourão Filho saiu de Juiz de Fora com suas tropas, às 04:00 horas da manhã do dia 1º de abril de 1964, em direção à Guanabara, atual Rio de Janeiro, onde “entregou a revolução” a Costa e Silva.

Não houve resistência. Não houve luta, tiros, mortes. Não nesse dia.

João Goulart não reagiu. Questiona-se o motivo. Talvez por não querer o enorme derramamento de sangue previsto pelos americanos, ou por perceber a fraqueza de seu esquema militar. As tropas americanas (que em sua grande maioria ainda não tinham chegado ao Brasil) não precisaram agir. Cumpriram apenas o papel de intimidação por sua exposição.

De acordo com Camilo Tavares (2013, s.p.):

Os golpistas supunham que fosse existir uma enorme resistência contra o golpe. Porém, essa não existiu. O que importa é que sabemos pelos

documentos liberados que Lyndon Johnson estava disposto a implementar um plano de contingência por todo o Brasil, para ajudar o golpe. No entanto, o golpe aconteceu tão rapidamente que as forças militares não foram necessárias para ajudar na mudança do regime.

Sem esboçar qualquer reação, Goulart foi para o Rio Grande do Sul, e a presidência do Brasil foi declarada vaga logo no dia seguinte. Nos termos do art. 79 da Constituição da época, assumiu o poder o Presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzili.

Com a eliminação de Goulart, restava aos Estados Unidos o reconhecimento do novo governo brasileiro como legal. O embaixador norte americano aqui no Brasil imediatamente exigiu tal reconhecimento, ainda que utilizassem como argumento o abandono do país por Goulart (sendo que o mesmo ainda estava no Rio Grande do Sul). Havia o medo norte americano de que o mundo notasse a sua influência nos rumos brasileiros. E assim foi feito.

Logo em seguida, em 09 de abril foi decretado o Ato Institucional nº1.

De acordo Gilberto Cotrim (1995, p.164): “No segundo dia em que vigorava o Ato nº1, o Congresso Nacional foi reunido e, sob pressão dos militares, elegeu para a presidência da República o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que assumiu o governo em 15 de abril de 1964”.

Como esperado, o governo de Castelo Branco recebeu enorme apoio norte americano.

A partir daí tem início um governo subversivo, permeado de ilegalidades e abusos, com tantos detalhes a serem elencados em trabalho futuro.

### **3 CONCLUSÃO**

Nota-se, portanto, que o Golpe de 64, chamado de Golpe Militar, eclodiu por intensa e exaustiva influência dos Estados Unidos. Os rumos que o Brasil tomou após o dia 1º de abril daquele ano talvez não estivessem nos planos dos norte americanos.

No entanto, a luta que eles diziam ser em prol da verdadeira democracia, contra o comunismo, mostrou-se completamente contrária. O golpe que

era para ter durado apenas um dia, sem qualquer esboço de reação, durou longos 21 anos nas mãos dos militares, que mancharam para sempre a história do país com as graves afrontas e lesões aos direitos humanos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COTRIM, Gilberto. **História e Reflexão**. São Paulo: Saraiva, 1995.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Saraiva, 2002.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos**. Brasil:. 2013.

<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj46.htm> - acesso em 09/08/13